

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O Trilho do Gato – William A. Wellman
12 e 15 de Janeiro de 2026

Gallant Journey / 1946
Jornada Gloriosa

um filme de **William A. Wellman**

Realização: William A. Wellman *Argumento:* William A. Wellman, Byron Morgan *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco): Burnett Guffey, George Meehan Jr, Elmer Dyer (*sequências aéreas*) *Piloto-chefe:* Paul Mantz *Som:* Frank Goodwin *Montagem:* Al Clark *Música original:* Marlin Skiles *Direção musical:* Morris Stoloff *Efeitos visuais:* Lawrence W. Butler, Donlad C. Glouner *Direcção Artística:* Stephen Goossen, Carl Anderson *Decoração:* Louis Diage *Guarda-roupa:* Jean Louis *Conselheiro Técnico:* Coronel C.A. Shoop *Interpretação:* Glenn Ford (John J. Montgomery), Janet Blair (Regina 'Ginny' Cleary), Charlie Ruggles (Jim Montgomery), Henry Travers (Thomas Logan), Jimmy Lloyd (Dan Mahoney / Prof. LaSalle), Charles Kemper (Padre 'Dickie Ball'), Arthur Shields (Padre Kenton), Willard Robertson (Zachary Montgomery), Selena Royle (Sra. Zachary Montgomery), Robert De Haven (Jim Logan, em criança), Eula Morgan (Sra. Logan), Loren Tindall (Jim Logan), Byron Morgan (John Logan, Michael Towne (Raymond Walker) , Paul Marion (Tony Dondaro), Henry Rowland (Cornelius Rheinlander), Robert Hoover (Dick Ball, em criança), Paul E. Burns (Peacock), Chris-Pin Martin (Pedro Lopez), Fernando Alvarado (Juan Morales), Bobby Cooper (Tom), Rudy Wissler (Hep), Tommy Cook (Cutty), Buddy Swan (Sharkey), Conrad Binyon (Snort), etc.

Produção: Columbia Pictures (EUA, 1946) *Produtor:* William A. Wellman *Cópia:* 35 mm, preto-e-branco, falada em inglês e legendada eletronicamente em português *Duração:* 86 minutos *Estreia mundial:* 9 de Outubro de 1946, Lowe's Criterion, Nova Iorque *Estreia comercial em Portugal:* 29 de Maio de 1948, Condes, Lisboa *Primeira apresentação na Cinemateca:* 4 de Novembro de 1993 ("Redescobrir William A. Wellman").

Notas

Originalmente escrito em 1993, o texto de MCF foi distribuído nessa única passagem de **Gallant Journey** na Cinemateca e editado agora, em 2026, no presente contexto.

Os problemas de libertação de cópias da Alfândega, em Lisboa, que têm ocorrido no último mês afectaram também a chegada da cópia de **Gallant Journey** à Cinemateca, vinda dos EUA, felizmente a tempo da sessão de dia 12 mas não a tempo do visionamento de preparação. Fica a nota, agradecendo a compreensão dos espectadores em caso de percalço na projecção desse dia. A duração acima indicada é a duração prevista, não verificada a 12.

Este é um filme feito com os olhos no céu. Não se trata de uma metáfora. Mas também o pode ser. Para alguma coisa estão ali os padres, e para alguma coisa serve o inenarrável final, dentro da mais clássica hagiografia, com o fantasma do avião primitivo e o seu piloto em direcção à catedral celeste (!), numa espécie de celebração litúrgica de Wellman para os seus primeiros amores nos tempos em que foi um dos "homens com asas". Não é metáfora porque **Gallant Journey** coloca-se na posição contemplativa (prelúdio para o olhar terrestre que é **Good-bye, My Lady**) de quem olha para o céu, e quando este é conquistado dá-nos imagens de perfeita beleza e lirismo, na elegância e calma beleza dos movimentos dos planadores que contrastam com a velocidade e o ritmo dos seus filmes bélicos de aviação (**Wings**, **Thunder Birds**).

Um dos menos conhecidos e mais subestimados filmes de Wellman foi outra das surpresas do ciclo de 1993, com o realizador voltando à sua paixão pela aviação, e abordando-a, como em quase todos (as excepções são **Thunder Birds** e **The High and the Mighty**), pela sua fase heróica. Concretamente no que se refere a **Gallant Journey** (como a **Men with Wings**, que infelizmente não vimos [na retrospectiva de 1993], apesar das notícias que o dão como um dos mais "fracos" Wellman e que não convencem o meu feitio de S. Tomé), vamos aos tempos dos pioneiros, aquele em que os homens conquistaram pela primeira vez o espaço. **Men with Wings** era uma espécie de percurso pela história da aviação desde os irmãos Wright. **Gallant Journey** dedica-se a um ignorado (entre nós) pioneiro, John Montgomery, que realizou o primeiro voo num engenho voador em 1883. E a escolha do personagem é desde logo sintomática de Wellman. Não são os grandes

nomes que lhe interessam (Lindbergh e o seu **Spirit of St. Louis**, teriam de esperar por Billy Wilder), mas sim os mais anónimos, próximos do simples cidadão (como a família de **Star Witness**, os soldados de **The Story of G.I. Joe** e **Battleground** e as mulheres pioneiras de **Westward the Women**).

E toda a narrativa é típica do realizador. Desde logo a história apresentada em *flashback*, com o irmão de John Montgomery contando-a a um grupo de adolescentes, envolvidos numa zaragata. O tempo é o da produção do filme. Um rapaz joga com um pequeno avião de controlo remoto que um outro grupo faz cair. A zaragata é interrompida por um velho que os leva até ao monumento que celebra o feito de John Montgomery e conta-lhes a história da dedicação e sacrifício do pioneiro no seu sonho de dar asas aos homens. Nada mais exemplar, como tantos *biopics* que por estes anos se fizeram, desde que a moda pegara, uma dúzia de anos antes, com o **The Story of Louis Pasteur**, de William Dieterle. Por duas vezes a narrativa é interrompida para voltarmos ao narrador. A história que conta é característica de Wellman (não só é autor do argumento, em colaboração com Byron Morgan, como se trata da adaptação de uma história escrita pelos dois) e, salvas as sequências atrás referidas, é menos um *biopic* do que uma das narrativas tranquilas e serenas, com uns laivos de melodrama, que temos vindo a descobrir, com alguma supresa, neste "irrequieto" realizador, apesar do que já se conhecia do deslumbrante **A Star is Born** e de **Lafayette Escadrille**.

Gallant Journey começa de uma forma clássica em Wellman: o personagem em adolescente com os sinais premonitórios do seu futuro (**The Public Enemy**, **Beau Geste**, **The Light that Failed**): o jovem Montgomery olhando para o céu e acompanhando o voo de uma gaivota que cai, a recolha da ave e a indiferença perante o assobio da namorada. Esta introdução é interrompida pelo regresso à actualidade com Charlie Ruggles levando os rapazes até ao monumento a Montgomery e retomamos a história com o personagem já adulto, entregue à sua primeira experiência de voo. E o prazer com que leva a cabo a tentativa, perante o pasmo da namorada e do jovem mexicano, é idêntico ao de Wellman filmando o deslizar do planador, acompanhando os seus movimentos ao sabor do vento. Prazer que se retoma, de forma mais eufórica, na sequência em que os padres jesuitas de Santa Clara, fazem as mesmas experiências com um modelo mais aperfeiçoado e onde Montgomery tem o primeiro sinal do seu fim, a vertigem devida a falha cardíaca, e que o vai impedir de levar a cabo, ele próprio, as experiências.

Wellman desenvolve a história com perfeita maestria, com o seu peculiar estilo "documental", isto é, como em **The Public Enemy** e **Westward the Women** a ficção é construída como uma realidade e como esta é feita na maior parte do tempo pela rotina, o trabalho. Assim o filme acompanha mais as "pausas" (e evoque-se de novo **Good-bye, My Lady**) do que os momentos melodramáticos que outros tanto apreciam e valorizam. Aliás estes estão reduzidos ao mínimo e, quando aparecem são marcados por uma espécie de pudor, se assim se pode chamar ao uso da elipse que Wellman tanto aprecia. São momentos que contêm apenas o que importa para comover o espectador, deixar algum sentido no seu olhar, sem necessidade de impor e reforçar com enquadramentos enfáticos e grandes discursos. Daí a simplicidade cristalina com que Wellman encena a morte dos personagens (quando a mostra, sendo geralmente elidida) e daí que a delicadeza da cena dos últimos momentos de Montgomery recordem a sequência genial do suicídio de Norman Maine – sabemos que na segunda versão de **A Star is Born**, o filme mais genial de Cukor, este praticamente se limitou a "copiar" a cena. Nada mais era preciso, pois estava lá tudo. Que melhor homenagem, senão mesmo reverência, ao trabalho de Wellman?

A morte de Montgomery culmina uma das mais belas sequências da obra de Wellman, em que o personagem desafia a proibição médica e decide levar a cabo a experiência com o novo modelo. O próprio espectador parece acompanhar o voo e participar da emoção de Montgomery com as deslumbrantes imagens aéreas em que o personagem encontra finalmente o céu que devorava com os olhos durante a vida (já falei no "olhar para o céu" que todo o filme é, mas nesta sequência praticamente todos os planos reforçam esta perspectiva: os de Montgomery voando, os de Regina e os amigos acompanhando o voo, com aqueles enquadramentos quase ao nível do chão, tão típicos de Wellman, e a corrida deles quando o aparelho cai). E chega-se àquele momento sublime de Montgomery na tenda, pedindo a Regina para levantar a lona para poder contemplar o céu. E deixamo-lo como o encontrámos, de olhos postos no infinito. Que me desculpem os arroubos mas, para um filme "menor", **Gallant Journey** está cheio de coisas lindas.